

## **Resistência e afirmação: notas sobre o Viva Favela<sup>1</sup>**

Ramon Bezerra COSTA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a experiência do portal Viva Favela, que recebeu o Prêmio Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura em 2009 e é um dos pioneiros no uso da internet e tecnologias digitais como forma de intervenção social e resistência. Primeiramente, descrevemos o surgimento do Projeto e os processos que o permitiram existir. Em seguida, tratamos da sua relação com o uso da internet e das tecnologias digitais. Por fim, discutimos seu funcionamento atual. A partir de um processo descritivo, centrado nessas três etapas, buscamos apontar questões importantes quando se trata de intervenção social e resistência na contemporaneidade.

### **Palavras-chave**

Viva Favela; Internet; Resistência.

### **Abstract**

The objective of this work is to reflect on the experience of the *Viva Favela* website, who received the Award *Pontos de Mídia Livre* of the Ministry of Culture in 2009 and is one of the pioneers in using the Internet and digital technologies as a means of social intervention and resistance. First, we describe the emergence of the Project and the processes that led there. Then treat your relationship with the use of the Internet and digital technologies. Finally, we discuss their current functioning. From a descriptive process, focusing on these three steps, we seek to point out important issues when it comes to social action and resistance in contemporary society.

### **Key words**

Viva Favela; Internet; Resistance.

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo, Mídia livre e Arquiteturas da Informação”, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford (International Fellowships Program - IFP). E-mail: [ramonbzc@gmail.com](mailto:ramonbzc@gmail.com).

## Introdução

As formas de ação social e política, de sujeitos ou grupos, por meio da utilização de ferramentas midiáticas, com o objetivo de fazer críticas, denúncias, buscar mudanças, entre outros, passaram por diversas transformações desde que surgiram. Por exemplo, as chamadas “mídias alternativas”, forma de intervenção surgida e muito característica dos anos 1960 e 1970, foram marcadas pelo uso do rádio e do impresso de maneira instrumental, enquanto a “mídia tática”, que emerge na década de 1990, se utiliza de diversos suportes (vídeo, rádio, imagem, internet, espaços públicos) e explora os aspectos materiais dos meios e as novas sensações que podem gerar (MAZETTI, 2008).

Ao lado das mudanças tecnológicas, do impresso ao digital, outras configurações no ambiente social e político influenciaram as mudanças nas formas de intervenção. Edgardo Castro (2009) lembra uma distinção que Michel Foucault faz dos tipos de luta:

“Foucault distingue três tipos de luta: 1) contra as formas de dominação étnica, social ou religiosa, 2) contra as explorações que separam os indivíduos do que eles produzem, 3) contra as formas de sujeição que vinculam o sujeito consigo mesmo e, desse modo, asseguram sua sujeição aos outros” (CASTRO, 2009, p.288).

Foucault diz ainda que atualmente prevalecem as lutas contra as formas de sujeição, que subjagam as subjetividades, ainda que não tenham desaparecido as lutas contra a dominação e a exploração (CASTRO, 2009).

Michael Hardt e Antonio Negri (2005) nos dizem também que as formas de luta e resistência mudaram ao longo do século XX. A partir da minuciosa descrição que fazem, interessa lembrar que segundo eles as lutas passaram de organizações centralizadas para uma forma disseminada de rede, mais complexa.

Michel Foucault (1984) apresenta uma concepção de poder a partir da qual este é visto como força constitutiva. O poder não é mais, somente, aquele que nega, reprime e proíbe, mas aquele que produz. O poder constitui o sujeito no seu âmbito íntimo, nos seus desejos, onde pensa ser livre. Nessa configuração, Foucault (1984) apresenta a resistência como pontos irregulares que se distribuem nos jogos de poder e, na maioria das vezes, são pontos móveis, transitórios e precários. As resistências também deixam de apenas denunciar ou confrontar para também produzir, afirmar, isto é, acompanham as mudanças nos dispositivos de poder.

É nesse contexto que observaremos a trajetória do portal Viva Favela, produzido, inicialmente, por moradores de favelas cariocas em parceria com jornalistas profissionais no

contexto de uma redação tradicional e, atualmente, de maneira descentralizada, por pessoas de diversas partes do país, mas ainda com os mesmos objetivos.

O Viva Favela surgiu há dez anos e acompanhou as diversas mudanças no campo das intervenções sociais e das tecnologias de comunicação e da internet. Foi criado quando o acesso a internet ainda era muito restrito e em 2010, em um ambiente bem diferente, passou para a “versão 2.0”. O Projeto está inserido no contexto das chamadas mídias livres, pois em 2009 ganhou o Prêmio Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura.

Como sugere Bruno Latour (2008), ao invés de interpretar os fenômenos com os quais nos deparamos a partir de teorias, conceitos e ideias já organizadas, que dizem como as coisas são e/ou funcionam, o mais importante é descrevê-los, levando em consideração sua hibridização e suas mudanças permanentes. Em uma boa descrição, que leve em conta os atores heterogêneos e as mediações que os constituem, é que o social pode aparecer, nos diz Latour (2008). É esta perspectiva que tentaremos seguir neste trabalho.

### **Surgimento do Viva Favela**

O Viva Favela (VF) consiste em um portal na internet no qual pessoas cadastradas podem postar fotos, vídeos, textos e áudios de qualquer tema relacionado a favelas, desde que respeite a política editorial<sup>3</sup>. Os conteúdos vão desde denúncias e críticas até poemas, escritos, falados ou imagéticos sobre as belezas da favela. Criado oficialmente em 2001, pela Ong Viva Rio<sup>4</sup>, o VF tinha como um de seus objetivos desconstruir a imagem restrita, equivocada e distante que grande parte da sociedade possuía das favelas (RAMALHO, 2007). Buscava-se representar a favela fora das violências e carências que a marcam, e mostrar o que tem de bom e criativo nesses locais. Além disso, funcionava como um canal para dar às pessoas que vivem na favela a oportunidade de se expressar.

É interessante observar o fato que provocou o surgimento do Viva Favela. Cristiane Ramalho, a primeira editora do portal VF, além de ter participado do Projeto desde o início, buscou, em outras fontes, como foi sua origem. Conforme ela lembra, a criação do VF foi

<sup>3</sup> A política editorial está disponível nesse endereço: <http://vivafavela.com.br/politica-editorial>.

<sup>4</sup> Organização não-governamental que existe desde 1993 no Rio de Janeiro e atua na pesquisa e formulação de políticas públicas com o objetivo de promover a cultura de paz e o desenvolvimento social. Mais informações em: <http://www.vivario.org.br/>.

fruto de um pedido feito por lideranças comunitárias ao Viva Rio, ainda em 1995. Na época, o recém-criado Viva Rio organizava uma passeata de protesto contra a onda de violência na cidade – o Reage Rio. Para provar que o movimento não era elitista (o “Reage Rico”, como provocavam seus detratores), o Viva Rio convidou a Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (Faférj) para integrar a passeata – que levaria a favela em peso para a rua. Em troca do apoio, impuseram uma condição: o Viva Rio teria de ajudar a mudar a imagem da favela na mídia (RAMALHO, 2007, p.47).

A proposta do Viva Rio era unir tanto a favela quanto a zona sul (área de classe média e alta) da cidade do Rio de Janeiro juntos pela paz. Essa “união de contrários”, até então era uma novidade no contexto do Rio, conforme lembra Rubem César Fernandes, diretor executivo do Viva Rio, marca a experiência do Viva Favela, que se acentua nas parcerias que permitiram criar o Projeto.

Para pensar como responder ao compromisso firmado com a Faférj, Rubem César reuniu três figuras concorrentes do jornalismo carioca que, aparentemente, nunca sentaria juntas: Walter Mattos (jornal *O Dia*), João Roberto Marinho (*O Globo*) e Kiko Brito (*Jornal do Brasil*). Os três se comprometeram em ajudar na empreitada, isto é, tentar mudar a imagem da favela na sociedade. Inicialmente, cada um desses três jornais criou uma coluna para mostrar as coisas boas da favela, mas pouco tempo depois julgaram que não era suficiente. Logo após, pensaram em criar uma agência de notícias, mas que nem começou a ser implementada, pois seria muito dispendiosa. Foi então que surgiu a ideia de criar um portal na internet<sup>5</sup>, que o custo seria bem menor.

A boa relação do diretor executivo do Viva Rio com empresários de mídia e de outros ramos está relacionada a própria organização da Ong, que tem em seu conselho, ainda hoje, diversos empresários. Essa aproximação facilitou os diálogos. Além disso, o Viva Rio nunca se posicionou de “nenhum lado” (RAMALHO, 2007). Foi essa boa relação do Viva Rio com empresários que gerou o financiamento para a criação do VF.

A família Marinho deu um milhão e meio de reais para a criação e manutenção do portal durante um ano (RAMALHO, 2007). O financiamento saiu do site *Globo.com*, que tinha sido criado recentemente, e o compromisso era que o Viva Rio colocasse o portal no ar em seis meses e, posteriormente, captasse recursos para se sustentar. Assim, “as organizações Globo acabaram viabilizando o desenvolvimento e a manutenção inicial do Viva Favela” (RAMALHO, 2007, p.48).

---

<sup>5</sup> O papel da internet nesse contexto é fundamental. Por isso, aprofundaremos essas questões no próximo item.

Para coordenar a implantação do Viva Favela, Rubem César convidou o jornalista Xico Vargas, que atua desde a década de 1970 em diversas empresas de mídia, como TV Globo, jornal *O Dia*, *Jornal do Brasil*, entre outros.

Com recursos financeiros e alguém da área para coordenar a criação, faltava pensar como resolver uma questão importante: de que forma colocar os próprios moradores da favela para produzir as matérias? Essa sempre foi uma preocupação do Projeto. Era preciso falar da favela a partir do ponto de vista dos moradores, e só com eles produzindo os conteúdos era possível alcançar isso.

A solução encontrada para resolver essa questão foi criar o que chamaram de “correspondentes comunitários”. A seleção desses correspondentes foi uma etapa difícil, especialmente porque não estava claro o que seriam. Quando o Viva Rio abriu a seleção, apareceram pessoas com idades, experiências e expectativas profissionais distintas. A seleção possuía duas etapas: uma redação sobre a própria comunidade e uma posterior entrevista. O fato de ter experiência anterior com comunicação era positivo para o candidato, mas o critério mais importante na seleção foi a sensibilidade do candidato em perceber e revelar sua comunidade, já que isto era o que mais se buscava.

Ao final do processo, foram selecionadas quinze pessoas com idades entre 18 e 47 anos. Dez seriam os correspondentes de texto e cinco de fotografia. Após a seleção, passaram por uma semana de capacitação, na qual estudaram como fazer e apurar notícias, além de como usar o computador e a internet. Além dos correspondentes, na equipe do Viva Favela havia cerca de dez editores do portal, jornalistas profissionais que discutiam as pautas e, além de editar, colaboravam na elaboração dos textos. Os correspondentes tinham dificuldade na redação dos textos, alguns entregavam cerca de vinte páginas escritas a mão<sup>6</sup> para os editores organizarem. Para facilitar a compreensão das matérias e dar a ela um “trato jornalístico”, os editores mudavam muito, o que acabou gerando discussões sobre a autoria do texto, já que tanto o correspondente quanto o editor trabalhavam nele. Essa questão foi resolvida quando ambos passaram a assinar os textos.

Sobre a rotina, nas tardes de segunda-feira aconteciam as reuniões de pauta e os correspondentes tinham o restante da semana para produzir. Além das matérias e fotografias, quase todos os correspondentes tinham outras ocupações, pois a bolsa que recebiam pela função de correspondente não era suficiente para se manter, como lembra Walter Mesquita,

---

<sup>6</sup> Nenhum dos correspondentes tinha computador em casa e a maioria não possuía familiaridade com a máquina, conta Walter Mesquita.

que entrou no VF em 2001, como correspondente de fotografia e atualmente é editor de imagem do Projeto.

Embora o trabalho como correspondente agradasse a todos, demoraram um pouco até confiarem no Projeto. Walter Mesquita conta que os correspondentes tinham “o pé atrás” com o Projeto e o Viva Rio. Tinham dúvidas sobre o objetivo real do VF, uma das possibilidades que levantavam era que “talvez quisessem informações sobre o tráfico”, lembra Mesquita. Além de o próprio Viva Rio ser marcado pelas críticas que apontamos anteriormente, no início dos anos 2000 era rara a relação “favela e asfalto”, ainda mais trabalhando juntos em um Projeto no qual os moradores de favela têm o mesmo direito a voz que as pessoas da “elite” carioca. Nessa época, a chamada “cultura da periferia” ainda não era valorizada como atualmente. A negação e o confronto ainda eram mais marcantes do que as tentativas de afirmação. Atualmente, favela ainda é sinônimo de pobreza e carência, mas há uma valorização da cultura que é produzida lá.

No VF, os correspondentes não só tinham a mesma importância que os jornalistas como eram o aspecto mais importante. Walter Mesquita lembra que Rubem César sempre dizia que “sem correspondentes não há Viva Favela”.

Em abril de 2001, os correspondentes foram a campo pela primeira vez. As “belezas” da favela eram as pautas preferidas, inclusive uma questão muito discutida nas reuniões de pauta foi a preocupação do portal virar uma espécie de “caras da favela”, lembra Ramalho (2007). Não só o interesse em mostrar o que de bom existia na favela, então uma grande novidade, mas especialmente o medo em discutir questões que pudessem os prejudicar, fazia os correspondentes evitarem determinadas pautas. A questão da violência era a mais evitada, podia gerar conflitos com os traficantes. E também não podiam expor os moradores. Ao contrário dos repórteres das empresas de mídia, que não possuíam nenhuma relação com os entrevistados, os correspondentes eram amigos ou conhecidos de quase todas as suas fontes, com quem precisavam conviver.

Outra preocupação dos correspondentes era serem chamados de “jornalistas”. Não pela ausência de um diploma, na época ainda exigido, mas ser jornalista e atuar na favela era sinônimo de perigo, especialmente a partir do ano de 2002, quando o jornalista Tim Lopes foi assassinado enquanto fazia uma matéria sobre o baile funk.

Outro aspecto interessante a ser lembrado é a independência editorial do Viva Favela. Sanada a desconfiança entre os correspondentes e jornalistas, restava o fato do VF ter que responder ao Viva Rio. De acordo com os correspondentes e editores, eles sempre tiveram

independência e liberdade para tratar dos temas que julgassem pertinentes e como achassem melhor. Um exemplo que ilustra isso, a partir de Ramalho (2007) foi a publicação da matéria “Corra, o Caveirão vem aí”, de outubro de 2005. A reportagem foi escrita a partir de diversas denúncias de prejuízos morais e materiais causados pela ação do carro blindado, conhecido como “Caveirão”, usado pelas polícias civil e militar do Rio de Janeiro. As denúncias de moradores somavam-se a indignação dos correspondentes que presenciavam cenas de violência e desrespeito, conta Ramalho (2007). A matéria poderia gerar conflito com o Viva Rio, pois

“batia de frente com a política de segurança pública do Governo Estadual, o que destoava da linha de atuação da área de direitos humanos e segurança pública do Viva Rio, que mantinha parcerias com o governo do estado para a capacitação de policiais” (RAMALHO, 2007, p.201).

Rubem César só viu a matéria quando estava publicada no portal, mas não fez nenhum “reparo”, ainda que soubesse da repercussão (RAMALHO, 2007). Poucas semanas após a publicação, a matéria foi manchete em jornais impressos e repercutiu nas rádios *Tupi*, *CBN*, *Globo* e *Rede TV*, gerando mensagens de apoio e agradecimento, além das explicações da polícia.

A repercussão dessa matéria sobre o “Caveirão” também é um pequeno exemplo de como o Viva Favela conseguiu pautar a mídia comercial. O outro olhar sobre a favela que o portal trazia e a credibilidade obtida com o tempo, aliados a proibição feita por várias empresas de mídia de jornalistas “subir o morro” para cobrir alguma matéria, após a morte de Tim Lopes, fazia do VF não só a principal fonte, mas em alguns casos única. *Folha de São Paulo*, *RJ TV*, *Canal Futura*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, além da imprensa internacional, elogiavam o trabalho do portal, reproduzia suas matérias e desenvolviam pautas apontadas.

Em 2005, dos quinze correspondentes comunitários do Viva Favela, apenas cinco não estavam na faculdade (RAMALHO, 2007). O Viva Rio conseguiu bolsas de estudos para os correspondentes em universidades particulares. Um aspecto interessante se lembrarmos que, neste ano, os programas do governo federal que buscam facilitar o acesso ao ensino superior estavam sendo criados. O Prouni<sup>7</sup>, por exemplo, é institucionalizado somente neste ano.

Até 2005, o Viva Favela continuou assim: quinze correspondentes, reunindo-se às segundas-feiras em reuniões de pauta com os jornalistas editores do portal, tendo o restante da semana para produzir as matérias e fotografias, que eram publicadas no portal na internet, gerando resultados entre os quais citamos alguns aqui.

---

<sup>7</sup> Prouni – Programa Universidade para Todos. Mais informações em: <http://prouniportal.mec.gov.br/>.

O VF era um projeto muito dispendioso. Manter o salário da equipe não era fácil. Assim, apesar do trabalho reconhecido e com os frutos que estava gerando, em 2005 passou por uma séria crise de financiamento, anunciada em meio a choros dos editores e correspondentes: o Viva Rio não tinha mais como bancar o Projeto. A partir desse ano, alguns correspondentes saíram e outros continuaram produzindo as matérias e fotos, voluntariamente, para o Projeto com o qual tinham um envolvimento afetivo, devido a visibilidade e o desenvolvimento que alcançaram com ele, conta Walter Mesquita, um dos que continuou como voluntário. Logo depois, o Projeto conseguiu financiamento da Petrobrás (que existe até hoje) e do movimento estudantil norueguês, entre outros, que era suficiente para não acabar com o VF, mas não mantinha a estrutura de antes.

Assim, entre 2005 e 2010, o VF continuou produzindo, mas em menor escala. Até que em 2010, com a internet consolidada, inclusive nas favelas, surgiu a ideia de criar o Viva Favela 2.0, que diminuiria os custos e estaria em consonância com o momento atual. Além disso, os correspondentes poderiam ser de qualquer lugar, e não somente do Rio de Janeiro. Mas antes aprofundar essa questão, vamos lembrar a relação do VF com as tecnologias digitais e a internet, do seu início até 2010.

### **Sobre o uso das tecnologias digitais e da internet**

A decisão em criar um portal na internet foi motivada por ser uma forma de comunicação em expansão no momento e menos dispendiosa. Embora a partir do ano de 1995 a internet comercial tenha ganhado corpo no Brasil, no início dos anos 2000 ainda era incipiente. As lan houses estavam começando, principalmente nas favelas, entre os correspondentes comunitários, nenhum tinha computador em casa e a maioria não possuía familiaridade com a máquina, conta Walter Mesquita.

Apesar disso, com o tempo essas dificuldades foram sanadas, inclusive o Viva Rio facilitou a compra de computadores para os correspondentes que queriam. Uma questão que precisava ser resolvida era como fazer as pessoas das favelas, que são os personagens das matérias e fotos tivessem acesso ao conteúdo. Na tentativa de sanar isso, organizaram exposição fotográficas e, as vezes, alguns correspondentes imprimiam e colavam as matérias



em lugares de grande circulação nos bairros. Mas era importante buscar formas para os moradores acessarem a internet.

Foi com essa motivação que o Viva Rio criou as Estações do Futuro, uma espécie de telecentro. Era um lugar com banda larga, cursos de computação e outros cursos profissionalizantes a preços módicos, que além de permitir o acesso à internet, também funcionava como uma forma de investir em jovens em situação de risco social e auxiliar na sua inserção no mercado de trabalho (RAMALHO, 2007).

Na instalação das Estações do Futuro, priorizou-se áreas de grande densidade demográfica com acesso não muito difícil e parceiros que pudessem se articular para fazer funcionar o Projeto (RAMALHO, 2007). A primeira Estação criada foi a da Rocinha, em abril de 2001. Ao todo, foram construídas dez, em diversas favelas cariocas.

Levar acesso à internet em áreas nas quais até os telefones eram escassos não foi uma tarefa fácil. O que permitiu essa empreitada foi a parceria com um banqueiro que queria trazer internet sem fio para o Rio de Janeiro e fez um acordo com o Viva Rio: ao invés de gastar com publicidade para seu empreendimento, ele destinaria esses recursos para colocar internet sem fio em dezesseis favelas cariocas. Até então, não existia acesso a internet sem fio no Rio de Janeiro.

A aposta do empresário era que ao fazer esse investimento muitas reportagens seriam feitas sobre a iniciativa e assim poderia fazer as pessoas entenderem que “se tem na favela, pode ter em qualquer lugar”. E deu certo. Veículos de mídia do mundo inteiro publicaram notícias sobre o que chamavam de “melhor projeto da tecnologia sem fio no mundo”. Apesar do sucesso inicial dessa empreitada, não foi possível concluir a instalação em todas as comunidades. O dólar aumentou muito e como todos os equipamentos utilizados eram importados, os custos elevaram e não foi possível continuar.

Não só a internet era incipiente, mas as tecnologias digitais, como um todo, também. As câmeras fotográficas digitais eram comercializadas com valor elevado e diante disso, no início, a equipe do VF só possuía uma câmera digital, que os correspondentes nem gostavam de utilizar porque tinha um problema no foco: o equipamento não captava o ângulo para o qual estava apontado, fizeram até um mapa para auxiliar na utilização da câmera, conta Walter Mesquita. Com isso, a maioria dos fotógrafos do portal ainda utilizava máquinas analógicas no início, tendo alto gasto com filmes e revelações.

Ainda que tímido, é interessante observar que o acesso dos moradores de favelas à internet significou um passo na tentativa de garantir o direito à comunicação a pessoas que

nem telefones tinham, lembra Xico Vargas. E o acesso ao computador, nesse contexto, não tinha uma fim em si, era um meio para produzir outros sentidos.

O cenário das favelas cariocas mudou muito nos últimos dez anos. Atualmente, o acesso à internet é facilitado pelas lan houses, inúmeros Projetos oferecem capacitação profissional, mais jovens acessam universidades e o olhar da sociedade sobre a favela também tem mudado. Assim, o VF partiu do pior momento das favelas, do acesso às tecnologias digitais e uma década depois chegou ao mundo 2.0.

### **Viva Favela 2.0**

Em 2010, com um cenário bem diferente do que iniciou, o Viva Favela se renova para a versão 2.0. Walter Mesquita conta que em consonância com o momento que se experimentava na produção midiática (barateamento de câmeras e computadores, amplo acesso à internet e intensa produção de conteúdos nas favelas), surge a ideia de transformar o site do VF em um portal colaborativo, no qual não só a equipe de correspondentes que tem acesso ao site possa publicar, mas qualquer pessoa, ainda que de outros lugares do país.

O antropólogo Hermano Viana<sup>8</sup> é chamado para ajudar a formatar como seria esse portal colaborativo e são organizadas diversas oficinas como de vídeo, fotografia e áudio, para incentivar pessoas a se cadastrar como correspondentes e publicar suas produções no portal. Assim surgiram os correspondentes multimídias<sup>9</sup>.

A equipe agora é bem reduzida (comparada a primeira formação que, em alguns momentos, chegou a ter quase trinta profissionais, entre correspondentes e jornalistas). Há uma editora do portal, que pouco publica conteúdo, sua função principal é administrar os fluxos, um editor de imagem, e os estagiários de comunicação. Todos são correspondentes cadastrados (assim como muitos funcionários do Viva Rio), mas sua função no VF não é apenas publicar conteúdos, mas atender as diversas demandas do Projeto.

Talvez na tentativa de incentivar e manter a produção de conteúdos para sua versão 2.0, o Viva Favela criou uma revista multimídia, que é bimestral e temática. Já foram lançadas

---

<sup>8</sup> Criador do web site colaborativo Overmundo: <http://www.overmundo.com.br/>.

<sup>9</sup> Há o Rap do Correspondente 2.0, uma criação coletiva que mostra trechos de produções de correspondentes. Pode ser acessado nesse link: <http://vivafavela.com.br/videos/correspondente-20>.

oito edições. Os conteúdos que compõem a revista (textos, fotografias, vídeos e áudios) são publicados no portal e depois selecionados por um editor convidado para compor a revista.

Cada edição é precedida por diversas reuniões virtuais de pauta, que acontecem quinzenalmente, às 17h das segundas-feiras, por meio de uma plataforma de conversa instantânea. Participam da reunião o editor convidado, a editora do portal e os correspondentes interessados em participar da edição da revista. A primeira reunião é dedicada ao debate sobre as pautas que irão compor a edição. Nas seguintes, com as matérias já produzidas e publicadas no portal, ou em produção, o editor faz uma espécie de avaliação do conteúdo (seja vídeo, foto, áudio ou texto) a partir de critérios jornalísticos, para aprimorar os trabalhos. O correspondente que tiver seu trabalho selecionado recebe uma ajuda de custo de R\$ 170,00 mais impostos.

Atualmente, o Viva Favela possui cerca de 1500 correspondentes cadastrados, dos quais cerca de 200 já publicaram conteúdo. Em maio de 2011, faltando dois meses para o portal completar um ano, possuía 1082 conteúdos publicas: 400 textos, 377 fotos, 224 vídeos e 81 áudios.

A página inicial do VF mostra uma matéria de texto, um vídeo, um áudio e uma galeria de imagem. Esses conteúdos são selecionados a partir dos votos que receberam nos últimos dias, os mais votados ficam na *home* do portal e os outros nas seções específicas.

Os conteúdos são os mais diversos, vão desde denúncias sobre a ausência de serviços básicos até poesias e músicas. Os temas trabalham tanto as carências quanto as belezas e potencialidades das favelas cariocas e de outras áreas com características parecidas pelo Brasil. É interessante notar que a maioria dos conteúdos mostra as belezas dos bairros que compõem as favelas, em detrimento das carências e necessidades ou de fazer denúncias sobre a omissão do poder público ou críticas às abordagens das empresas de mídia.

Os conteúdos das revistas multimídia mostram essa questão. Cada edição traz diversos vídeos, áudios, textos e fotografais produzidos por pessoas de diversos estados do Brasil, mostrando a diversidade existente nas favelas e como questões que, aparentemente, não fazem parte do universo dessas localidades são fortes. A edição zero da revista, sobre Festa na Favela<sup>10</sup>, que teve como editor convidado Caco Barcelos, publicou conteúdos de correspondentes de três estados diferentes. A edição foi marcada pelo tom de resgate de manifestações culturais e por retratar a diversidade das festas existentes nas favelas.

---

<sup>10</sup> <http://vivafavela.com.br/revistas/festa-na-favela>.

A primeira edição oficial da revista teve como tema Memória e curadoria de Antônio Carlos Vieira. O objetivo era falar da memória como elemento de construção da realidade e tentar desconstruir a favela como lugar onde só existe violência e pobreza para “construir outra memória, que afirma identidades, trabalha diversidades e aponta para um futuro melhor”<sup>11</sup>. São mostradas memórias alegres e tristes dos moradores. Tristes como o “Mural da dor”, um mural feito, ao longo de dez anos, com fotos de pessoas mortas por armas no Brasil e alegres como as “Brincadeiras do passado”.

A segunda edição teve como tema Cultura Digital e foi editada por Ivana Bentes. As matérias falam sobre a relação entre favela e tecnologia. Uma espécie de “cultura popular digital”<sup>12</sup>, são experiências de apropriação tecnológica e invenção para solucionar problemas provisórios, mas também exigir políticas públicas de acesso às tecnologias. São matérias que mostram como a cultura digital faz parte da favela: tratam das lan houses, de vizinhos que dividem a internet e pagam apenas uma conta, de um jovem de transformou seu quarto em um estúdio no qual pode gravar, editar e distribuir suas músicas, entre outros temas.

A terceira edição, com curadoria de Cristina Dissat, teve como tema Esporte e o tratou desde a “paixão por um time à inclusão social e à superação dos limites”<sup>13</sup>. Já a quarta edição, tratou de Literatura na periferia e foi editada por Buzo. A revista mostra como existe literatura nas favelas e traz matérias “sobre o movimento de saraus, bibliotecas comunitárias e projetos de incentivo à leitura, autores consagrados e ainda pouco conhecidos”<sup>14</sup>.

A quinta edição trata de um tema muito conhecido: a Cultura Hip-Hop. Com curadoria de Alexandre de Maio, trouxe matérias para mostrar como essa cultura se reinventa e cresceu em todo o país, influenciando todas as classes sociais. As histórias vão desde a criação de iniciativas de Hip-Hop até a economia criativa<sup>15</sup> gerada por essa manifestação. A sexta edição, com curadoria de Vito Giannotti, tratou dos trabalhadores. Os conteúdos tratam dos “trabalhadores invisíveis”, que arrumam um jeito de sobreviver frente ao desemprego, fala também dos que trabalham muito e são discriminados, de situações de trabalho degradantes, entre outras questões<sup>16</sup>. A última edição da revista, publicada em julho de 2011, foi organizada pela equipe do VF e tratou dos 10 anos do portal. Fez um resgate de sua história, lembrou personagens importantes e enfatizou o papel dos correspondentes, agora multimídia.

<sup>11</sup> Editorial desta edição disponível em: <http://vivafavela.com.br/revistas/mem%C3%B3ria>.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://vivafavela.com.br/revistas/cultura-digital>.

<sup>13</sup> Edição disponível em: <http://vivafavela.com.br/revistas/esporte-na-favela>.

<sup>14</sup> Editorial e revista disponíveis em: <http://vivafavela.com.br/revistas/literatura-na-periferia>.

<sup>15</sup> Edição disponível em: <http://vivafavela.com.br/revistas/hip-hop>.

<sup>16</sup> Revista disponível em: <http://vivafavela.com.br/revistas/trabalhadores>.

Ao contrário de outras formas de intervir e resistir, como a que marca a experiência da mídia alternativa nas décadas de 1960 e 1970, caracterizadas por elementos de recusa e denúncia (MAZETTI, 2008), aqui observamos não um confronto, mas uma espécie de busca de lugar. Resistir, na experiência do Viva Favela, parece ser sinônimo de viver do seu jeito, afirmar singularidades (no plural mesmo), mas sem esquecer a busca por condições dignas de vida (direitos básicos). As produções parecem mostrar que os sujeitos moradores de favelas, ao invés de somente denunciarem os direitos que lhes foram negados ao longo de sua vida e buscarem mudanças a partir das críticas, buscam se (re)inventar com o que tem, criando modos de vida outros. Há conteúdos que fazem críticas e denúncias das carências das favelas, mas a maioria mostrar o que tem de bom e como existe criatividade nesses ambientes. Essa questão talvez se aproxime do paradoxo da resistência apontada por Camile Dumoulié:

não é a obra de arte nem o jogador que se opõem a uma ordem ou força, inversamente, é uma certa ordem do mundo ou uma estrutura social dada que, como o rochedo, constitui uma força de resistência contra a corrente da vida (DUMOULIÉ, 2007, p. 01 *apud* ALVIN, 2009, p.10).

Nesse sentido, talvez quem tenha feito a resistência foram os sentidos, produzidos pelas empresas comerciais de mídias ou outros lugares, que tentam caracterizar as favelas negativamente e unilateralmente. E o que parece mostrar o VF é que o interesse dos sujeitos está mais em se viver como são do que enfrentar e/ou excluir o outro.

A parceria com a família Marinho e jornalistas de empresas de mídia para a criação do VF e durante sua existência pode ser um exemplo disso. Outras formas de intervir, como a mídia alternativa, não trabalharia dessa forma, focariam em denunciar e criticar. O portal existe por causa do investimento de recursos feito pelo *Globo.com*, mas nem por isso influenciou na postura crítica e nos objetivos. O VF não funciona como contraponto a mídia comercial, não busca dizer o que ela não diz ou desmenti-la. O objetivo parece aproximar-se mais de uma tentativa de auxílio e trabalho em conjunto. No mês de julho de 2011, no Seminário comemorativo aos 10 anos do VF<sup>17</sup>, jornalistas de empresas de mídia e correspondentes comunitários dialogaram juntos e trocaram experiências.

É curioso notar que a maioria dos correspondentes mais ativos tem blogs e publicam conteúdos em outros veículos. Mas o fato de ter uma matéria, foto, vídeo ou áudio seu no VF é motivo de felicidade<sup>18</sup>. Talvez porque o portal, quando entrou na versão 2.0 já tivesse uma

<sup>17</sup> O evento ocorreu de 18 a 22 de julho de 2011 na cidade do Rio de Janeiro, mais informações em: <http://vivafavela.com.br/materias/i-encontro-nacional-de-correspondentes-comunit%C3%A1rios-viva-favela-programa%C3%A7%C3%A3o>.

<sup>18</sup> Como pode ser visto em um dos depoimentos do Rap do Correspondente 2.0: <http://vivafavela.com.br/videos/correspondente-20>.

longa história na cobertura das favelas cariocas, com visibilidade no Brasil e no exterior e também porque há interação entre os correspondentes. Quase todos os conteúdos são comentados e votados.

### **Últimas considerações**

Devido ao espaço restrito deste artigo, não foi possível descrever, com mais detalhes, a trajetória do Viva Favela e seu modo de funcionamento, mas esperamos, com as informações apresentadas, ter mostrado mudanças nas formas de intervir e resistir na sociedade.

Atualmente, há diversas iniciativas em favelas cariocas de pessoas ou grupos que produzem conteúdos a partir de sua ótica, pautando os grandes veículos de mídia comercial e oferecendo um “olhar de dentro”. Exemplo recente e muito famoso disso foi a cobertura jornalística da tomada do conjunto de favelas do Alemão, no Rio de Janeiro, pelas forças de segurança pública, em novembro de 2010, que foi noticiada, em tempo real, por adolescentes, que fazem o jornal “Voz da Comunidade”, moradores do complexo do Alemão<sup>19</sup>. Enquanto diversos jornalistas de fora da favela tentavam saber o que acontecia, os jovens informavam ao mundo detalhes da ocupação, especialmente através do Twitter. Mas há dez anos isso não era tão comum assim, não temos exemplos de fatos como esse. O Viva Favela foi pioneiro nessa tentativa, ao incentivar que moradores de favelas publicassem conteúdos sobre suas comunidades e a partir de sua ótica.

Nos conteúdos publicados no portal, a maioria dos discursos parece apontar para a necessidade de afirmação, através da valorização do que existe de bom nas favelas. É como se os modos de vida da favela buscassem um lugar para ser como são. Ainda que apareçam discursos como o de combater a mídia comercial, denunciar, se opor, são minoritários.

Por fim, lembramos que o simples fato da “cultura das favelas” “ter lugar” e ser apreciada não implica em solução. É necessário sempre estranhar essas manifestações. A valorização da favela pode também ser uma forma de controle e não significar mudança. Como nos diz Peter Pál Pelbart:

Seu único capital sendo sua vida, no seu caso extremo de sobrevivência e resistência, é disso que fizeram um vetor de existencialização, é essa vida que eles capitalizaram e que assim se autovalorizou e produziu valor. É claro

<sup>19</sup> Conjunto de diversas favelas localizadas na zona norte do Rio de Janeiro.

que num regime de entropia cultural essa ‘mercadoria’ interessa, pela sua estranheza, aspereza, visceralidade, ainda que facilmente também ela possa ser transformada em mero exotismo étnico de consumo descartável (PELBART, 2003, p.22).

### **Referências bibliográficas**

ALVIN, Davis Moreira. **O rio e a rocha: resistência em Gilles Deleuze e Michel Foucault**. In: Intuitio. Porto Alegre. V.2 – Nº 3. 2009

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão** – guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo Social: uma introducción a la teoría del actor-red**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Ativismo de mídia: arte, política e tecnologias digitais**. 213p. Dissertação (Comunicação e Cultura) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RAMALHO, Cristiane. **Notícias da Favela**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.